

Sibélia Zanon

Naná e a cutia no baile das sementes



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNião e Reconstrução

Cristina Zaharenko
ilustração





Naná e a cutia no baile das sementes

Sibélia Zanon

Cristina Zaharenko
ilustração



origem

Naná gostava de passear no balaio.
Enquanto a mãe caminhava,
Naná olhava o céu.
O céu de Naná era verde.







O caminho de Naná levava até a roça.
Na roça a vida era amarela
e a batata era doce.

Enquanto olhava a espiga
de milho crescer,
Naná também crescia.





Todo mundo queria crescer.
A floresta também.



Até que um dia...

Um dia, Naná foi passear
e olhou para o céu.
Mas o céu de Naná...
Cadê o céu de Naná?





O céu de Naná não estava lá,
Naná olhou então para o chão.
Ela precisava olhar o chão com as mãos.



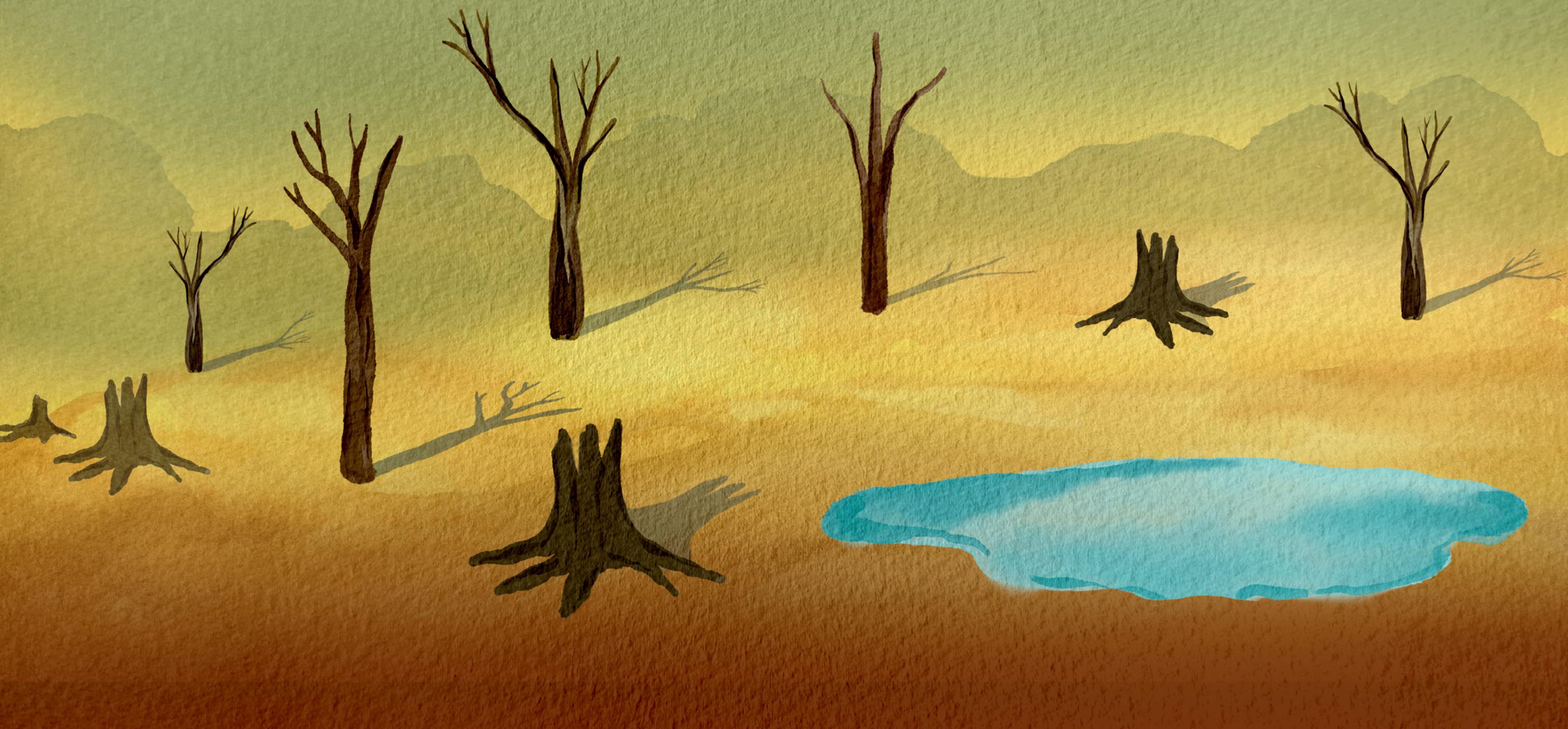
Naná chegou bem
pertinho da terra.
E a cutia também.



Naná sentiu uma tristeza nova,
diferente de todas as tristezas
que conhecia.
Diferente de quando perdeu sua
boneca preferida.
Diferente de quando levou uma
bronca de sua mãe.
Era uma tristeza muito comprida.



Uma lágrima grande escapou até o chão.



Dentro da terra a lágrima encontrou uma semente.



Bem ali, estava a semente de jerivá,
que a cutia tinha plantado.



Naná teve uma ideia.
Junto com sua amiga cutia,
ela poderia plantar mais jerivás
e mais jerivás e mais jerivás...
Esse pensamento fez sua
tristeza encolher.



Naná chamou
todas as crianças
que conhecia
para ajudar.



A cutia chamou todos
os animais que conhecia.





Juntos começaram a coletar sementes.
As cutias gostavam de plantar as coisas
boas de comer.



As crianças gostavam de plantar
as árvores boas de subir.



Aquilo parecia um grande baile das sementes.



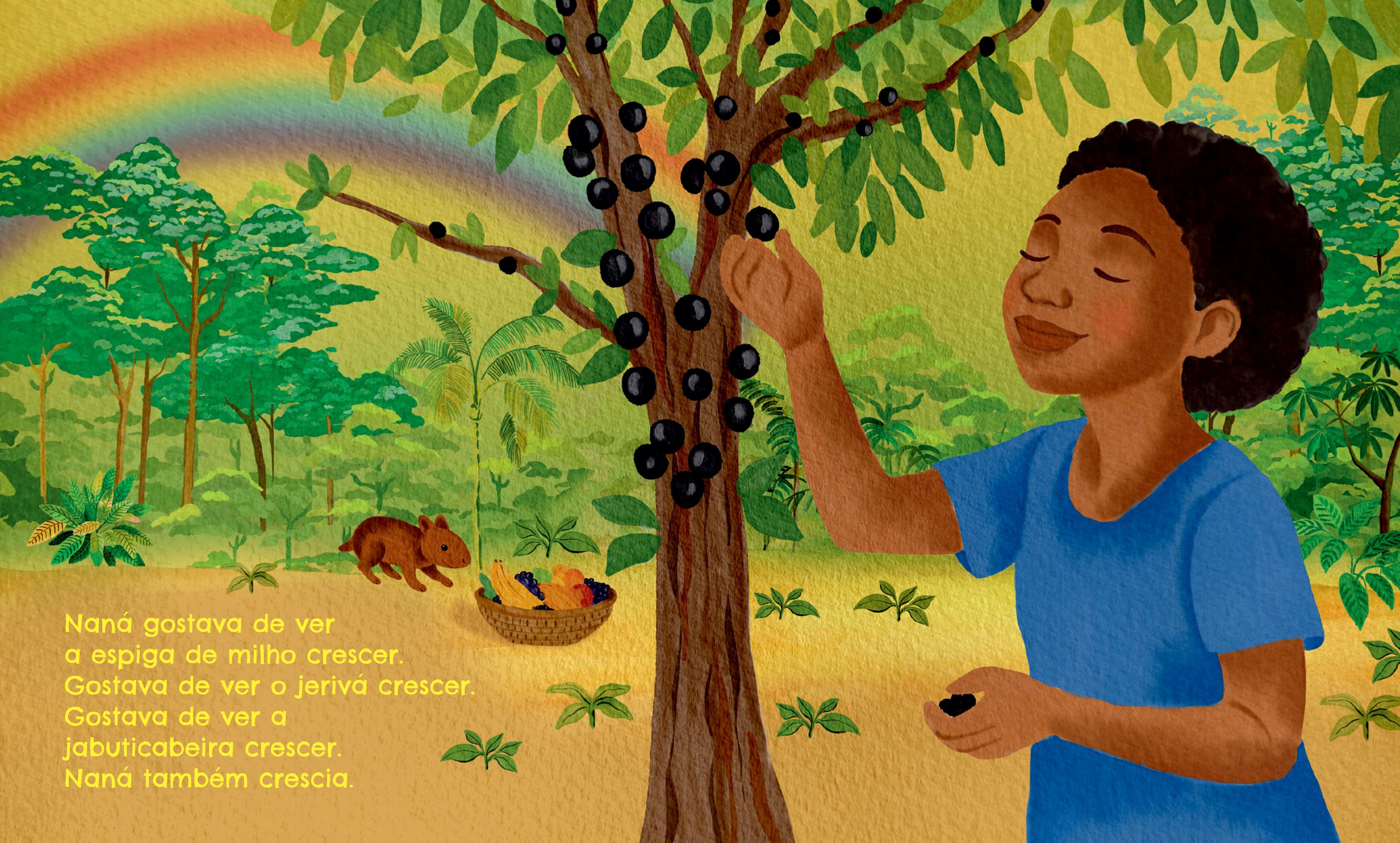
Então aconteceu...



Um dia, a chuva teve vontade
de cair e ajudou a molhar tudinho.



Um dia, o sol teve vontade de se
levantar e ajudou a aquecer tudinho.



Naná gostava de ver
a espiga de milho crescer.
Gostava de ver o jerivá crescer.
Gostava de ver a
jabuticabeira crescer.
Naná também crescia.

Um dia Naná olhou para o céu.
O céu de Naná era verde.





Para saber mais

Naná e a cutia moram num quilombo que fica na Mata Atlântica. Vamos saber um pouco mais sobre a vida deles?

QUILOMBOLAS - A palavra quilombo vem da língua africana banto e quer dizer povoação. O quilombo era um lugar onde pessoas negras, que fugiam da escravidão, se juntavam para viver livres. Esses homens e mulheres fugiam das fazendas de café e das plantações de cana-de-açúcar porque não aceitavam ser maltratados, explorados e obrigados a trabalhar sem liberdade. Eles se escondiam em áreas de mata, em lugares difíceis de alcançar, e ali construíam casas e organizavam sua vida em comunidade. Durante o tempo da escravidão no Brasil, existiram muitos desses grupos espalhados por várias partes do país. Hoje, muitos quilombos são formados pelos descendentes daqueles que lutaram por liberdade no passado. Essas comunidades, chamadas de quilombolas, continuam a viver da terra, preservar suas tradições, histórias e modos de vida. Eles são muito importantes para a cultura e a história do Brasil e seguem lutando por seus direitos, respeito e reconhecimento.

BALAIÓ - Cesto tradicional feito de palha, fibras vegetais e outros materiais naturais. Os quilombolas constroem seus próprios balaios e os utilizam em diversas atividades cotidianas, especialmente na agricultura. Dentro dos balaios são carregadas ferramentas para o trabalho na roça ou mesmo a colheita do dia, como o milho ou a batata-doce. A forma de confeccionar e usar o balaió são exemplos de conhecimentos, que são transmitidos de geração em geração, fortalecendo as tradições do povo quilombola.

BATATA-DOCE - Em muitos quilombos, a batata-doce é o principal alimento dos bebês. Enquanto uma mãe espera um bebê, a batata-doce já cresce no chão. Para muitas pessoas que trabalham com agricultura familiar, a batata-doce, a mandioca, o inhame e o cará são o pão do dia a dia.

ROÇA - A roça é um pedaço de terra onde as famílias plantam alimentos como milho, feijão, mandioca e batata-doce. É um lugar muito importante porque é dali que vem a comida que vai para a mesa. Diversas pessoas da família costumam trabalhar juntas na roça, preparando a terra, plantando as sementes e cuidando das plantas até elas crescerem. Muitas vezes, o que é colhido também pode ser vendido na comunidade ou numa feira, ajudando no sustento da casa. Na roça, os quilombolas usam conhecimentos passados de geração em geração, aprendendo com os avós e pais como cuidar da natureza e da plantação. Eles respeitam a terra e sabem o momento certo de plantar e colher. A roça não é só um lugar de trabalho, mas também de união e sabedoria, onde todos preservam suas tradições.

CUTIA - A cutia é um bicho de orelhas pequenas e pelo marrom. Ela vive em florestas, como a Mata Atlântica e a Amazônia. A cutia é um roedor, como o rato ou o catinguelê, mas bem maior. Ela gosta de viver perto de árvores e rios, onde pode se esconder e achar comida com facilidade. É muito rápida e pula alto quando se assusta. As cutias gostam de comer frutas, como é o caso do coquinho do jerivá. Gostam também de sementes e castanhas, como a do jatobá ou a castanha-do-brasil. Quando encontram muitas sementes, as cutias enterram algumas para comer depois – mas nem sempre elas comem todas e isso ajuda a floresta a crescer. Muitas sementes enterradas crescem e se transformam em novas árvores. Por isso, a cutia é muito importante para a natureza: ela ajuda a espalhar sementes por onde vive, mantendo a floresta viva.

MATA-ATLÂNTICA - A Mata Atlântica é uma floresta muito rica em plantas e bichos e cobre parte do litoral, Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil. Lá vivem muitos animais, como macacos, tamanduás, cutias, onças e muitos tipos de sapos, aves e borboletas. Também há uma grande diversidade de vegetação, com árvores frutíferas e palmeiras, trepadeiras, samambaias e bromélias. Essa floresta muito especial já cobriu muitas cidades que existem hoje. Infelizmente, resta pouco da vegetação original: apenas 4% da mata que existia quando só viviam os indígenas por aqui. A Mata Atlântica é muito importante porque ajuda a limpar o ar que respiramos, deixa o clima mais fresco e guarda a água dos rios. Muitas pessoas, como os quilombolas e os indígenas, vivem perto da Mata Atlântica e cuidam dela com muito respeito.

JERIVÁ - O jerivá é uma palmeira que dá um frutinho amarelo ou alaranjado, bem gostoso para muitos animais da floresta, como passarinhos, macacos e a cutia. Essa árvore cresce na Mata Atlântica e pode ficar bem alta. Os frutos do jerivá nascem em cachos grandes. Quando caem no chão, ajudam a alimentar os bichos e podem se transformar em novas árvores.

REFLORESTAMENTO - O reflorestamento é o plantio de árvores em lugares onde a floresta foi desmatada e já não existe mais. Esse trabalho é muito importante para ajudar a natureza a se recuperar, trazendo de volta os animais, os frutos, as flores e a água. A floresta ajuda a trazer a chuva e a deixar o clima mais fresco. Nos quilombos, o reflorestamento também é feito com sabedoria passada pelos mais velhos, usando sementes e plantas da própria região. Além de cuidar da natureza, isso ajuda a garantir alimento e sombra para as famílias no futuro. Assim, todos trabalham juntos para deixar a floresta mais forte, bonita e cheia de vida, como já foi um dia.

SEMENTES - A Mata Atlântica é cheia de árvores diferentes. Cada árvore produz sementes, que podem se transformar em novas árvores. Quando caem no chão ou são levadas para outro lugar, as sementes podem brotar. Assim, a floresta continua crescendo. Algumas sementes são grandes e pesadas, como as do jatobá. Outras são pequenas e leves, como as do ipê. Existem as sementes chamadas voadoras. Elas são tão leves que o vento consegue carregá-las para longe... como se tivessem asas. As sementes do ipê, por exemplo, são assim. Quando o vento sopra, elas voam e vão parar em outro lugar, onde podem nascer e fazer a floresta crescer. Essas sementes ajudam a espalhar a natureza por toda parte e a manter a mata cheia de cores, cheiros e sons.

DESMATAMENTO - O desmatamento acontece quando as pessoas cortam as árvores das florestas para usar o terreno para outras coisas, como criar animais, plantar alimentos ou construir casas e cidades. Quando cortam as árvores, muitas coisas acontecem. Animais perdem suas casas, o ar fica mais poluído, o solo fica mais pobre, diminuem as chuvas, o clima fica mais quente.

ANIMAIS DISPERSORES - Muitos bichos ajudam a plantar a floresta. Eles são chamados de dispersores. Diversas aves, macacos, antas e outros mamíferos comem as frutas inteiras junto com as sementes. Durante o processo de digestão, as sementes ficam prontas para germinar. Os animais passeiam por diversos lugares e as sementes são deixadas junto com as fezes por onde eles andam. Assim, novas plantas crescem, muitas vezes, em lugares distantes daqueles, em que o animal comeu. A cutia espalha as sementes de um jeito diferente. Ela enterra ou esconde as sementes no solo para comer mais tarde. Muitas sementes acabam se transformando em árvores. A cutia e a anta vivem na Mata Atlântica e também em outros biomas do Brasil e são verdadeiras plantadoras de floresta.

FOGO - O fogo é uma das descobertas mais antigas e especiais da humanidade. Ele trouxe luz nas noites escuras, aqueceu o corpo no frio e cozinhou os alimentos. O fogo pode aquecer histórias no centro de uma roda e também ajudar a proteger. Nas tradições agrícolas quilombola, o fogo é usado com sabedoria. Pequenas áreas são queimadas de tempos em tempos para tornar o solo fértil e ajudar as plantações a crescerem. Mas quando o fogo é usado sem cuidado, ele pode ser muito perigoso e causar grandes destruições. Quando a floresta está mais seca, o fogo pode ficar descontrolado e causar um grande incêndio que mata a floresta e os animais que moram lá dentro. Há quem use o fogo de propósito em áreas da floresta para que o solo fique sem árvores e possa ser usado para outros fins.

CHUVA - A chuva é como um presente que cai do céu: ela enche os rios, os lagos e até os reservatórios que existem embaixo do solo e a gente não vê. A chuva molha a terra, ajudando plantas, animais e pessoas a viverem com saúde. É por causa da chuva que a água continua saindo da nossa torneira para beber, cozinhar e tomar banho. Sem chuva, as plantações não crescem e o nosso prato fica vazio, porque a comida depende da água para crescer. As árvores das florestas colaboram com a chuva, pois soltam vapor de água no ar que se transforma em nuvens. Quando o desmatamento é grande, a chuva sofre um impacto e diminui. Isso já acontece em diversas regiões do Brasil.

Jogo de memória

Bichos da Mata Atlântica

O jogo da memória foi criado especialmente para crianças de 6 a 7 anos que estão em fase de alfabetização. Ele estimula a atenção, o raciocínio e o contato com informações sobre os animais da Mata Atlântica.

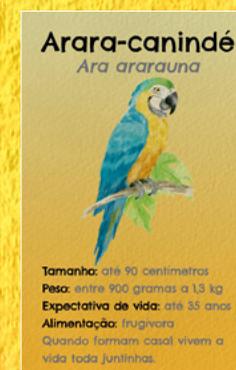
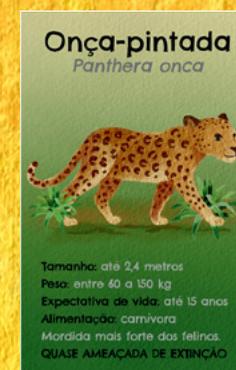
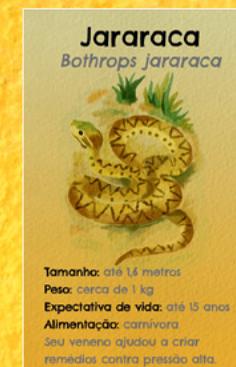
O objetivo do jogo é simples: encontrar os pares de cartas com o mesmo animal. O jogo tem 30 cartas ilustradas, sendo duas cartas para cada um dos 15 animais da floresta.

Para começar, embaralhe bem todas as cartas e espalhe-as sobre uma mesa com o lado da imagem virado para baixo. As cartas devem ser organizadas em linhas e colunas, com um pequeno espaço entre elas para facilitar a virada.

O jogo pode ser jogado por 2 a 4 pessoas. Cada jogador, na sua vez, vira duas cartas. Se as duas cartas forem iguais – ou seja, mostrarem o mesmo animal – o jogador guarda o par e tem direito a jogar mais uma vez. Se forem diferentes, as cartas são viradas novamente com a imagem para baixo, no mesmo lugar, e o próximo jogador continua a brincadeira.

O jogo termina quando todos os pares forem encontrados. Ganha quem tiver juntado mais pares ao final da partida.

Para tornar a brincadeira ainda mais educativa, os adultos podem incentivar as crianças a lerem o nome dos animais em voz alta e a contarem algo que saibam sobre o bicho da carta. Assim, além de jogar, elas aprendem mais sobre a fauna da Mata Atlântica enquanto desenvolvem a leitura de forma divertida.



Batalha dos bichos

Outro jogo educativo para brincar e aprender com as cartas dos animais da Mata Atlântica.

OBJETIVO: Ganhar mais cartas que os outros jogadores.

NÚMERO DE JOGADORES: De 2 a 4.

PREPARAÇÃO: Use as mesmas 30 cartas do jogo da memória (15 pares). Divida igualmente entre os jogadores, com as cartas viradas para baixo. Eles não podem olhar suas cartas antes do jogo começar.

COMO JOGAR: Todos viram a primeira carta do seu monte ao mesmo tempo. Quem está na vez escolhe uma categoria da sua carta para comparar: tamanho, peso, expectativa de vida, alimentação ou curiosidade especial. Na alimentação, vale assim: carnívoro vence onívoro, e onívoro vence herbívoro. Na curiosidade especial, a carta explica a vantagem.

Todos comparam. Quem tiver o maior valor ou a vantagem leva todas as cartas da rodada.

Se houver empate, as cartas ficam no centro. Na próxima rodada, quem vencer leva também essas cartas.

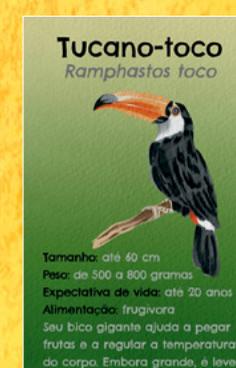
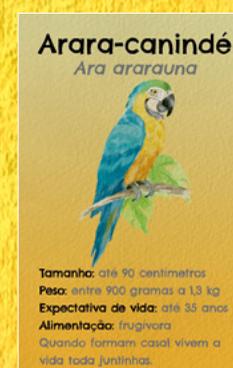
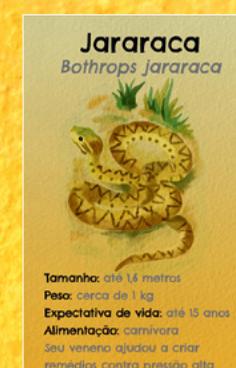
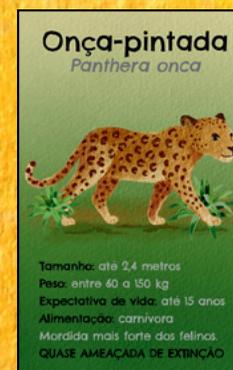
CARTAS ESPECIAIS:

As quatro cartas abaixo tem os seguintes poderes especiais:

- **ONÇA-PINTADA:** vence sempre na alimentação.
- **CUTIA:** pode recuperar uma carta já descartada.
- **ANTA:** vence empates, por ser o maior mamífero da Mata Atlântica
- **TAMANDUÁ-BANDEIRA:** pode anular uma carta carnívora

FIM DO JOGO: Quando um jogador conquistar todas as cartas, ou após um número combinado de rodadas, conta-se quem tem mais cartas.

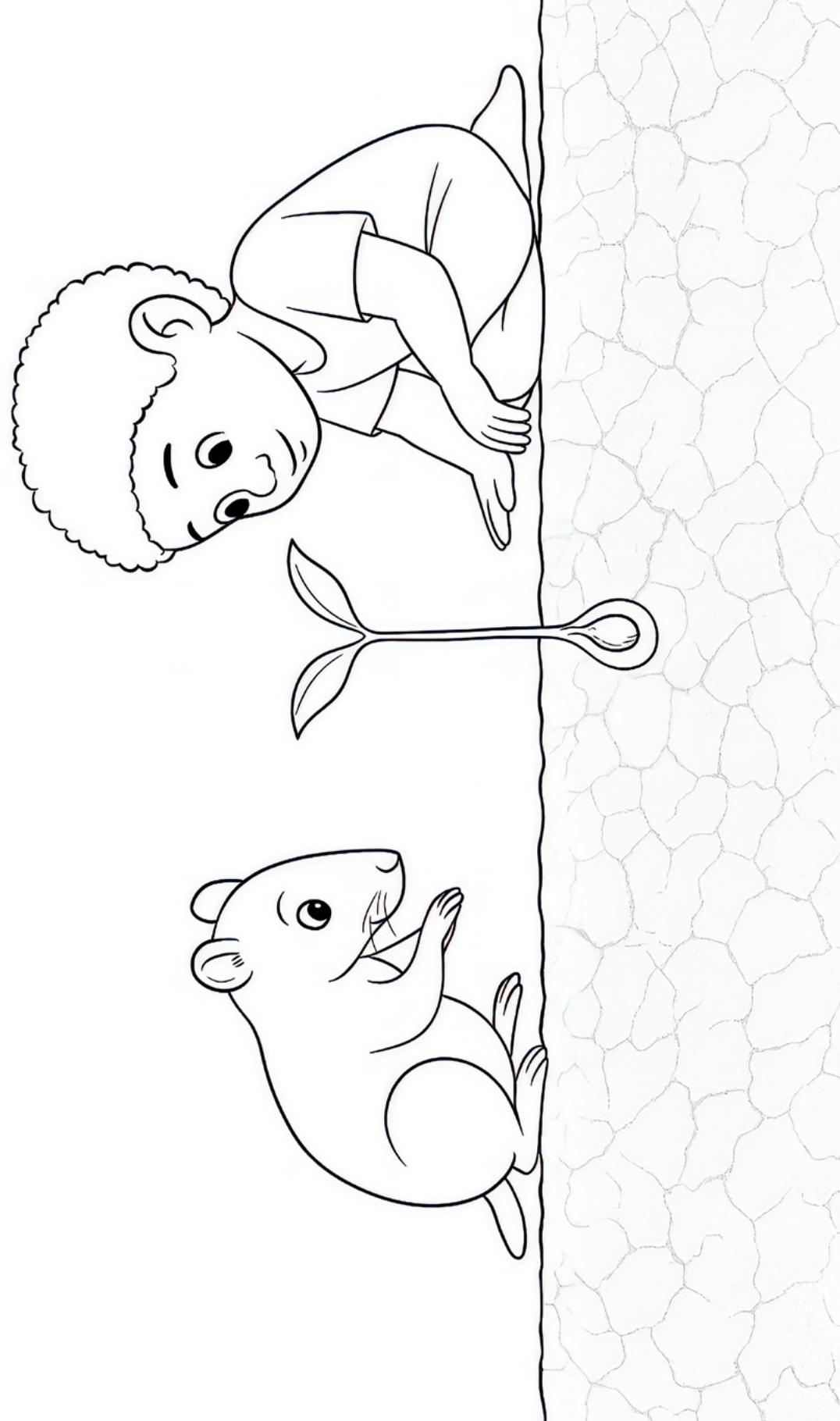
Vence quem ficar com mais cartas no final, ou quem conquistar todas.



SUGESTÃO:
Dê poderes especiais para as primeiras quatro cartas conforme indicação da regra para cartas especiais.

Vamos colorir!

Ajude Naná e a cutia a viverem num mundo cheio de cores! Inspire-se nas páginas do livro e pinte estes desenhos do seu jeito.



NANÁ E A CUTIA NO BAILE DAS SEMENTES
© 2025 Sibélia Zanon e Cristina Zaharenko
© 2025 Editora Origem
1ª edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zanon, Sibélia
Naná e a cutia no baile das sementes / Sibélia Zanon
; ilustração Cristina Zaharenko. -- 1. ed. -- Santana de
Parnaíba, SP : Editora Origem, 2025.

ISBN 978-65-89233-70-1

1. Meio ambiente – Literatura infantojuvenil 2. Natureza –
Literatura infantojuvenil I. Zaharenko, Cristina. II. Título.

25-295432.0

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Editor **Valdemir Cunha**

Texto **Sibélia Zanon**

Ilustrações **Cristina Zaharenko**

Direção de Arte **Valdemir Cunha**

Editora Executiva **Lígia Fernandes**

Impressão **Ipsis Gráfica**



Lei Rouanet
Instituição de
Projeto Cultural

PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA



9 786589 233701



Av. Açaí, 176
Santana de Parnaíba/SP, CEP: 06533-152
editoraorigem.com.br